

## Artigos

# O ensino remoto emergencial e a exigência imediata de letramento: reflexões sobre um tempo de exceção

*Emergency remote education and the immediate demand for literacy: reflections upon a time of exception*

Maximina M. Freire<sup>1</sup>

### RESUMO

*Desde o reconhecimento da existência de uma pandemia sem precedentes, o mundo tem sofrido profundas mudanças e restrições. Submetemo-nos ao domínio de práticas remotas de convivência e escolhas lexicais únicas que demandam não apenas resignificação, mas também revelam expectativa e pré-aceitação de um novo normal provável, no futuro. Se a reverberação dessa conjuntura é planetária, seu impacto é notável, de diversas formas, no âmbito educacional que contempla dinâmicas, ambientações, linguagens e recursos emergenciais para lidar com o imediatismo, simultaneidade e intertextualidade também decorrentes da policrise vigente. Considerando as bruscas mudanças originadas pela pandemia, este artigo discute questionamentos e situações observadas, mas não estritamente equacionadas, durante um extenso período de exceção, ainda emergencial. A partir do concreto e do possível, as reflexões aqui expostas buscam interpretar o cenário digital de exceção, abordando repercussões motivadas pelo deslocamento territorial, explorando linguagens e letra-*

---

1. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP. São Paulo, São Paulo – Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-7908-1143>. E-mail: [mmfreire@uol.com.br](mailto:mmfreire@uol.com.br).



This content is licensed under a Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use and distribution, provided the original author and source are credited.

*mento (multiletramentos e transletramento) e, sobretudo, propondo uma alternativa de expansão das habilidades de produção e compreensão textual para professores e alunos que, lidando com um contexto emergencial a princípio, mas resilientemente duradouro, já antecipam e, em alguma medida, se preparam para o período pós-pandêmico.*

**Palavras-chave:** *Pandemia; Ensino Remoto Emergencial; Letramentos; Transletramento.*

## ABSTRACT

*Since the recognition of the existence of an unprecedented pandemic, the world has undergone deep changes and restrictions. We have submitted ourselves to the domination of remote practices of coexistence and unique lexical choices that not only demand resignification, but also reveal expectation and pre-acceptance of a likely new normal in the future. If the reverberation of such a conjuncture is planetary, its impact on the educational field is remarkable in many ways because it contemplates environments, practices, languages and emergent resources to deal with the immediacy, simultaneity and intertextuality also arising from the prevailing polycrisis. Considering the abrupt changes originated by the pandemic, this article addresses questions and situations observed, but not strictly equated, during an extensive period of exception, still emergent. From the concrete and the possible, the reflections presented here seek to interpret the digital scenario of long-term exception, addressing repercussions motivated by territorial displacement, exploring languages and literacy (multiliteracies and transliteracies) and, above all, proposing an alternative of expanding textual comprehension and production skills for teachers and students who, dealing with an emergency context at first, but resiliently enduring, already anticipate and, somehow, prepare themselves for the post-pandemic period.*

**Keywords:** *Pandemic; Emergency Remote Learning; Literacy; Transliteracy.*

## 1. Uma realidade sob impacto

Há praticamente dois anos, temos convivido sob o domínio do SARS-CoV-2, o *novo coronavírus*, e suas mutações que, invisíveis,

modificaram – *transtornaram* – a vida de várias formas. Desde o reconhecimento de sua existência, transmissibilidade e letalidade, uma pandemia sem precedentes tem assolado o planeta, gerando profundas mudanças e restrições: rotinas alteradas, proximidade social controlada ou suprimida, aglomerações condenadas, instituições corporativas e educacionais fechadas, tarefas laborais e pessoais interrompidas, reorganizadas, redesenhadas ou imediatamente transpostas para alguma ambientação digital disponível.

Sobrevivemos em sobressalto, atentos a imposições normativas rígidas de higiene e de desinfecção contínua, e ao perigo iminente dos assintomáticos, insistentemente, alertados para o potencial risco da disseminação de contágio. Resistimos, bombardeados pelo itinerário da *curva de casos*<sup>2</sup> e pelo controle numérico diário da *média móvel* que, negligenciando os sobreviventes e a sobrevida, friamente realça quantos somos a menos... e somos mais de 600 mil a menos no país. Seguimos na expectativa de uma vacina eficaz a longo prazo e na esperança de contar com doses suficientes para imunizar todos, assim garantindo nossa alforria do vírus: um salvo-conduto à vida e à sobrevida. Persistimos atônitos, experienciando a ruptura de uma normalidade que supúnhamos conquistada e que, em vão, muitos ainda buscam resgatar. Permanecemos à espera, apegando-nos à probabilidade de um *novo normal* ou, movidos por incertezas, de *qualquer normal*, caso alguma regularidade possa ser seguramente vislumbrada.

A ecologia<sup>3</sup> transformada pela pandemia, na impossibilidade de manter inalteradas a maior parte das práticas sociais e institucionais, nos conectou a uma realidade cingida, sediada e continuamente mediada pela Internet e suas redes, sinalizando que o digital se tornou o território liberado a todos e, em alguma medida, ainda higienicamente protegido para conversas formais e informais, reuniões, interações de

---

2. Estatística divulgada diariamente, pela Organização Mundial de Saúde e pelo Consórcio de Veículos de Imprensa, que sinaliza a progressão/diminuição de casos de covid-19 no Brasil e no mundo.

3. Neste artigo, o termo *ecologia* se refere não apenas a aspectos físicos, mas engloba também os demais aspectos (objetivos e subjetivos) que compõem um ambiente ou uma ambientação. Considerando essa conotação, são cunhadas pela autora as expressões *ecologia doméstica*, *ecologia educacional*, *ecologia escolar* e *barreira ecológica*, usadas ao longo do texto.

trabalho, aulas, apresentações, palestras, congressos e qualquer tipo de interlocução e comunicação interpessoal, pública ou particular.

A unanimidade é a de que estamos em crise. Contudo, analisando as várias tensões prévias, visíveis em diferentes setores, a pandemia agravou, drasticamente, uma realidade já bastante conturbada, fazendo emergir, de maneira mais acentuada, o que Morin e Kern (2011) sinalizam e Morin (2020) reafirma como cenário de policrises, surpreendente em todos os âmbitos da vida contemporânea. A obrigatoriedade do isolamento social, por um lado, gerou um ultimato ao insulamento e reclusão; por outro, porém, e na contramão desse, a necessidade de uma imprescindível reflexão sobre a urgência de embargo à imobilidade, alienação e exclusão. Enfrentamos um período de policrises, incertezas e inseguranças que tem exigido pensar e repensar as carências que passam a ser reprimidas, as aspirações que precisam ficar em suspenso e as práticas que demandam reformulação ou extinção.

Morin (2020b) argumenta e Freire e Sá (2020) reafirmam, que a palavra *crise* foi banalizada, uma vez que a história não apenas engloba, mas também se constitui de um encadeamento de crises. Retomando a argumentação do autor, vivemos um período em que “o mundo que está morrendo, não consegue morrer, e o mundo que quer nascer, não consegue nascer” (Morin, 2020b). Esse paradoxo materializa as angústias e ansiedades atuais, assinalando que, em um momento de crise, as incertezas aumentam e se destacam, provocando um crescimento exponencial de desencontros que afetam todos os sistemas, podendo levá-los à desintegração. Morin (2020a, 2020b) argumenta que um sistema em crise se apresenta fortemente perturbado, provocando reações possivelmente extremadas e desencontradas: ou encontramos a solução para a crise; ou regredimos ao passado; ou, acreditando ter descoberto a solução, elegemos um inimigo, não raro imaginário, que se transforma em bode expiatório conveniente sobre quem recai a culpa por todos os males e decorrências da(s) crise(s).

Como Morin (2020b) adverte, crise é uma situação por si ambivalente, que traz a possibilidade “do melhor e do pior”, reforçando a incerteza e ambiguidade que a definem. Atualmente, a humanidade encontra-se sitiada em uma encruzilhada crítica, com rotas de fuga nem sempre evidentes mas que, paradoxalmente, podem conduzir ao

melhor e/ou ao pior. Cabe exclusivamente à humanidade escolher seu rumo e a forma de nele se manter, num amálgama de inseguranças e contradições que, iminentemente, podem colocar em risco a sanidade mental e a preservação da vida e do planeta.

Em meio a uma conjuntura já crítica e, agora, também pandêmica, profissionais de todas as áreas buscaram e ainda têm buscado evitar a descontinuidade de suas rotinas e afazeres, idealizando alternativas, adaptando técnicas e examinando estratégias para conceber o inusitado e se reinventar rapidamente. Do contato prioritariamente presencial e interação face a face, migraram quase todos para uma ambientação digital: um contexto midiático que demandou práticas específicas, prontamente denominadas de *teletrabalho*, *home office*<sup>4</sup> e *ensino remoto emergencial*. Em todas e em cada uma dessas modalidades prevaleceu a marca da exceção e da temporalidade, das quais emergiu uma confiança esperançosa de que a crise sanitária certamente teria fim.

Se as crises são ambivalentes e portadoras do melhor e do pior, do bom e do ruim, a tensão por que passamos tem revelado a propagação benéfica de *lives*<sup>5</sup> que, gerando espaços de contato e interlocução, têm atenuado distâncias físicas e, em alguma medida, ecoado positivamente no isolamento intelectual. Contrariamente, no entanto, as crises já existentes, às quais a pandemia sanitária se somou, têm salientado a propagação de *fake news*, fomentado controvérsias e julgamentos equivocados sobre questões de natureza política, econômica, social, profissional, pessoal e sanitária.

No âmbito educacional, desde o momento em que se confirmou a necessidade de quarentena e isolamento social, as instituições e, em especial, os professores tiveram que se recompor e reconstituir, como fênix emergentes da calamidade, visando à continuidade do trabalho e dos processos em desenvolvimento, procurando incluir a maior parte

---

4. Os termos *teletrabalho* e *home office* correspondem ao conjunto de atividades laborais executadas por profissionais, em suas residências, por meio de algum dispositivo digital, conectado à Internet.

5. *Live* é a denominação atribuída à transmissão síncrona de palestras, oficinas e apresentações que focalizam tema(s) específico(s) para reflexão e debate. Esses eventos, que também podem incluir filmes, musicais e cursos, são veiculados por plataformas de *streaming*, possibilitando a distribuição de conteúdo pela Internet, sem que o usuário tenha que fazer *download* de alguma plataforma ou software.

dos alunos em algum contexto digital remoto e superar, de alguma forma, a falta de acesso a dispositivos digitais por boa parte dos alunos. Preparados, ou não, professores, alunos, pais e gestores tiveram que migrar para uma ambientação que, embora não totalmente nova, passou a lhes exigir uma interação diferenciada, maior expertise instrumental e uma reflexão mais cuidadosa a respeito das práticas docentes até então adotadas.

Desterritorializados e migrantes em um cenário relativamente inédito, professores e alunos se depararam com a necessidade urgente de algum tipo de letramento que os auxiliasse para além das questões instrumentais e que, considerando as especificidades espaço-temporais, fosse *emergencial e imediato*, similarmente às práticas que visavam à continuidade do ensino e aprendizagem. Paulatinamente, a excepcionalidade da situação foi consolidando uma rotina possível e permitindo que a “mudança temporária de uma ambientação habitual de ensino para outra, devido a circunstâncias causadas por uma crise”<sup>6</sup> (Hodges *et al.*, 2020), passasse praticamente a ser definitiva, materializando práticas que mobilizavam migrações ambientais, limitações de recursos e inexperience instrumental. Dessa forma, o ensino remoto foi se desviando de sua condição inicialmente *emergencial*, ao mesmo tempo em que o letramento necessário para um enfrentamento responsivo<sup>7</sup> aos padrões emergentes foi conquistando adjetivação expressiva – *remoto e imediato* –, ressaltando as novas circunstâncias.

O panorama até aqui descrito motiva os temas e as reflexões compartilhadas neste artigo pois, considerando as bruscas mudanças originadas pela pandemia e seus impactos, ele tem por objetivo abordar questionamentos não plenamente respondidos e situações não pontualmente equacionadas em um período de exceção, que tem persistido sob o rótulo de *emergencial*. Mais especificamente, a discussão aqui sugerida parte do cenário educacional pandêmico que contempla ambientações, práticas, linguagens e recursos específicos para lidar com o imediatismo, simultaneidade e intertextualidade decorrentes do predomínio de interações e transmissões síncronas e assíncronas em

---

6. Esse é o conceito que os autores citados apresentam para o termo “ensino remoto emergencial”.

7. Esse termo é usado como sinônimo de *reativo e respondente*, não contendo nenhuma conotação teórica.

um cotidiano crítico. Situa-se, portanto, no espaço digital partilhado por professores e alunos que, desterritorializados, procuram propiciar uma continuidade de ações que lhes permitam atingir os objetivos educacionais propostos ou impostos. A partir do concreto e do possível, os temas e reflexões aqui expostos buscam interpretar um cenário digital de exceção prolongada, abordando agenciamentos causados pelo deslocamento territorial forçado, explorando linguagens e letramento (multiletramentos e transletramento), e sobretudo, propondo uma alternativa para professores e alunos que, lidando com um contexto emergencial a princípio, mas resilientemente duradouro, já antecipam e, em alguma medida, se preparam para o período pós-pandêmico.

## 2. Do impacto a mudanças ecológicas

A seção introdutória deste artigo argumenta que a pandemia sanitária, uma vez reconhecida, passou a requerer respostas e articulações diferentes das habituais, sobretudo no tocante à seleção, estabelecimento e manutenção de contextos digitais com finalidades educativas. Essa demanda sugere uma reflexão sobre a construção de conhecimentos e significados que, subitamente, passaram a ocorrer em espaços físicos não partilhados, via interações síncronas e assíncronas, mediadas por dispositivos e interfaces não explorados amplamente, tampouco indistintamente acessíveis. O cenário educacional emergente indica que, apesar de antagônicas em determinados aspectos, *sincronicidade* e *distância*, multimodalmente entretecidas por *linguagens* diversas, se tornam vetores essenciais para a continuidade dos cursos vigentes e para o desenho de novas atividades e tarefas, bem como para a geração de rotinas imprescindíveis ao ensino e à aprendizagem remotos.

A inesperada transformação na ecologia educacional não permitiu, no entanto, que docentes, gestores e pais tivessem tempo e serenidade necessária para, refletindo sobre os vetores mencionados, arquitetar estratégias e ações eficientes que pudessem promover o enfrentamento imediato à conjuntura pandêmica, abarcando grande parte de suas facetas. Particularizando o campo educacional, Hodges *et al.* (2020) frisam que o objetivo central, na crise, deve ser proporcionar e garantir acesso rápido e confiável à instrução e a suportes educacionais. Esse esclarecimento, ampliando a relevância dos vetores já citados, sugere

que *prontidão*, *acessibilidade* e *confiabilidade* também se tornam aspectos distintivos do ensino remoto emergencial que, assim caracterizado, se distingue da educação a distância, inapropriada às especificidades do momento.

Aprofundando considerações sobre o cenário pandêmico emergente e a decorrente urgência de migração para um ambiente digital disponível, uma forte comoção em cadeia se manifestou, afetando todos os sistemas e gerando desestabilização e desordem: sob o impacto do inusitado, cercados por inseguranças e emergências, precisando contornar o incerto e o imprevisível, todos foram convocados ao extraordinário: traçar rumos e criar alternativas para amenizar os efeitos adversos mais imediatos, enquanto soluções a longo prazo fossem arquitetadas. Entretanto, como o chamado a uma ambientação midiaticizada foi indiscriminado, a maioria o atendeu como pode, superando-se, em vários sentidos, e se reinventando continuamente. Alguns, contudo, ficaram, ou *foram deixados*, à margem, por falta de acesso ou expertise instrumental, sem conseguir articular uma forma de responder digitalmente e contribuir com as exigências do momento. Conceber meios de organizar o sistema em crise, buscando alguma ordem para o caos instalado, passou a ser vital para salvar o sistema de uma falência irrefutável e, talvez, irreversível.

Ao comentar a crise sanitária vigente, Santos (2020) ressalta que “a pandemia e a quarentena estão revelando que alternativas são possíveis, que as sociedades se adaptam a novos modos de viver quando isso é preciso e percebido como bem comum”. O autor tem razão, em parte, pois opções são possíveis e a coletividade pode se adaptar quando movida pela consciência do bem-estar geral. Entretanto, seu comentário negligencia que a adaptação mencionada demanda uma percepção renovada da realidade, a construção de novos saberes e comportamentos e, principalmente, uma conscientização inédita que se embasa em solidariedade; ou melhor, em *fraternidade*, como Morin (2019) expõe, antes mesmo de a disseminação do coronavírus se configurar como uma pandemia planetária. Considerando os eventos ocorridos em nosso país e em várias partes do mundo, os efeitos da pandemia não foram, nem têm sido, amplamente reveladores de uma nova concepção da realidade, adaptação à nova vida exigida, compreensão e solidariedade ou fraternidade. Sob a lente do pensamento

complexo (Morin, 2005, 2008), a pandemia se manifesta como uma crise imprevisível que desafia, simultaneamente, mas com intensidade diferenciada, todos os sistemas e suas relações, expulsando tudo e todos de seus lugares, trabalhos e rotinas regulares, impondo, aos poucos, uma certa ordem, sob o risco de provocar uma desordem irreversível, ou seja, a destruição de toda cadeia sistêmica.

Santos (2020) adverte que “qualquer quarentena é sempre discriminatória, mais difícil para uns grupos sociais do que para outros”, pois a vulnerabilidade que a precede se agrava com ela, uma vez que não apenas torna mais visível como reforça a injustiça, discriminação, exclusão social e sofrimento abusivo. Essa constatação pode ser ilustrada pela ecologia doméstica emergente no período de isolamento social, em que todos foram forçados a ficar, trabalhar e estudar em casa, convivendo e partilhando horários, espaços e dispositivos. Esse confinamento forçado impôs um compartilhamento também forçado que, não raro, intensificou a obrigação de pais ou responsáveis acompanharem, de perto, as atividades escolares; a dificuldade de administrar a quantidade de conteúdos e tarefas propostas; a ausência ou insuficiência de letramento digital para manusear dispositivos digitais; sem contar os inúmeros contratempos de acesso à Internet e uso de plataformas de mídia. Cansaço e desmotivação tornam-se claramente explicáveis e justificáveis nesse cenário de mudanças e demandas repentinas e prolongadas.

Em relação à ecologia escolar, o panorama não se mostrou mais animador pois, de forma geral, professores e alunos revelaram certo despreparo para reagir às demandas do contexto digital para fins educativos: de um lado, os docentes estavam mais habituados a explorá-lo para pesquisas e preparação de aulas; e, de outro, os estudantes, a utilizar dispositivos e plataformas para interação social, passatempo e entretenimento. Agravando essa situação, somou-se a escassez de tempo para consumir uma migração eficiente, falta de adequação do currículo (concebido para uma ambientação exclusivamente presencial) e, em especial, dificuldade de acesso indiscriminado a uma conexão e redes de qualidade.

A descrição das ecologias doméstica e escolar, embora sucinta, assinala que a pandemia tem agravado e nos colocado frente a uma sig-

nificativa barreira ecológica, em grande parte pré-existente ao período de exceção que vivemos, mas que a distingue como mais um empecilho crítico a ser vencido em um movimento de organização sistêmica que vise a uma nova ordem. Essa barreira reivindica uma revisão dos papéis desempenhados pelas partes envolvidas (pais, gestores, professores e alunos); uma atualização curricular direcionada à inclusão/adequação de conteúdos pertinentes em/para interfaces variadas; uma reflexão crítica sobre as práticas escolares dominantes; uma real democratização do acesso à Internet; e, principalmente, uma discussão consistente sobre que linguagens e letramento(s) se tornam indispensáveis, tanto para o momento remoto atual como para o vindouro, provavelmente híbrido.

### 3. O concreto e o possível: linguagens e letramento

Refletindo sobre o cenário policrísico e pandêmico delineado e, em especial, sobre a necessidade de encaminhamentos para o estabelecimento e manutenção de uma ordem sistêmica<sup>8</sup>, um construto transparece de forma expressiva no resgate de ações que visem ao desenvolvimento do ensino e da aprendizagem: o *letramento*.

Uma investigação sobre esse tema não pode negligenciar os vetores já apontados – *sincronicidade, distância, linguagens, prontidão, acessibilidade, confiabilidade* –, pois se mostram essenciais na identificação de uma modalidade ou desdobramento conceitual que acolha as peculiaridades espaço-temporais ainda vigentes, conturbadas por variáveis que não somente repercutem, indiscriminadamente, em todos os âmbitos da vida, mas também acentuam relações e implicações intra- e intersistêmicas. Além disso, ainda que o propósito do artigo não comporte uma revisão histórica e extensiva do conceito, cumpre salientar sua estreita vinculação a questões de compreensão e produção, respectivamente associadas à leitura e escrita e, assim, ao emprego de linguagens em práticas midiaticizadas remotas e híbridas.

Como destaca Soares (2009), existe uma natural dificuldade de formular uma definição precisa e universal, delimitando o termo

---

8. Ao destacar o *estabelecimento e manutenção de uma ordem sistêmica*, a autora se refere à necessidade de conquista e preservação de uma ordem que premeie todos os sistemas inter-relacionados os quais foram, de alguma forma, afetados e se encontram desorganizados.

*letramento*, uma vez que circunscreve conhecimentos habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais difíceis de condensar. Por isso, as diferentes referências a ele feitas se embasam em determinados aspectos ou dimensões, ocasionando uma desagregação e decorrente pluralização de sua nomeação (*letramentos*), conferindo à adjetivação a ele associada o caráter distintivo da especificidade em questão (i.e., *letramento digital, letramento escolar, letramento crítico etc.*). A despeito de não usufruir de consenso conceitual, uma significação nele implícita, recorrente nas muitas qualificações que vem recebendo, assinala que o termo contempla e reitera uma estreita correlação entre *linguagens e práticas sociais*.

Particularizando o cenário pandêmico, em que pese o distanciamento, forçado por algum tempo, e a midiatização, explorada mesmo depois de amenizadas as restrições de contato, determinadas práticas letradas sobrevivem, resistem, nos recintos escolares e fora deles. Sua materialização, entretanto, sofreu alterações pois, confinadas à ambientação digital, foram assumindo um predomínio multimodal notável. Embora *periférica*, mas, sem dúvida, *legitimamente*<sup>9</sup>, os envolvidos nessas práticas recorreram sub-repticiamente, a habilidades individuais e a modalidades de letramento, de forma isolada ou associada. Assim, a diversidade de situações e culturas em contato ou confronto, a multiplicidade de linguagens disponíveis, a variedade de interfaces e dispositivos digitais acessíveis e uma possível percepção de confluência de conteúdo, motivadora de participação, passaram a ilustrar a emergência de práticas e eventos de multiletramentos e de transletramento.

A noção de multiletramentos corresponde à proposta feita pelo Grupo de Nova Londres (Cazden *et al.*, 1996) para ressaltar a crescente multiplicidade e integração de modos significativos de construção de significados, em que o textual se relaciona, entre tantos aspectos, com o visual, o sonoro, o espacial e o comportamental, por exemplo. Os autores, ao sugerirem uma Pedagogia dos Multiletramentos, defendem um ensino voltado para projetos que abordem a diversidade cultural e linguística, garantindo visibilidade às dimensões da vida social,

9. Os destaques se referem à expressão *participação periférica legítima*, cunhada por Lave e Wenger (1991) que, abordando interações em comunidades de prática, legitimam a participação periférica, ou inicial, como forma de preparação para uma participação central, mais engajada.

profissional, pessoal e cívica. Trata-se de uma concepção que põe em destaque a diversidade, a multimodalidade e a multimídia.

Dedicando-se ao estudo do conceito, Rojo (2021) salienta que os *multiletramentos* e *novos multiletramentos*, como os tem denominado recentemente, supõem, entre outras, habilidades de leitura e produção diferentes das convencionais; capacidade de curadoria para seleção e processamento das informações obtidas; apropriação de novos gêneros e práticas; domínio tecnológico para edição de textos escritos, fotos, áudios e vídeos; e conquista de protagonismo, utilizado adequada e eticamente.

Os argumentos acima sinalizam que, apesar de os multiletramentos evocarem, em especial, diversidade e multiplicidade, eles também acentuam as relações entre usuário e mídias, exploradas de forma isolada ou associada, sem perder de vista o cenário local e global. Sob esse enfoque, os conteúdos podem ser distribuídos, dispersos, em diferentes plataformas, demandando que o usuário utilize e desenvolva capacidade de compreensão e produção necessárias para apreensão de cada mensagem particular, veiculada por meio de várias linguagens em canais de mídias distintos. Essa visão acentua que, como explicita o Grupo de Nova Londres, somos herdeiros de padrões e convenções de significados e, simultaneamente, *designers* ativos de significados.

Refletindo sobre os multiletramentos sob a perspectiva dos vetores já expostos (*sincronicidade, distância, linguagens, prontidão, acessibilidade, confiabilidade*), torna-se viável considerar que outros podem ser associados, ampliando os quesitos qualitativos necessários para uma concepção situada de leitura e escrita que melhor responda às circunstâncias contextuais vigentes. Nesse sentido, a contribuição conceitual se efetivaria por meio dos três aspectos – *diversidade, mediação e multimodalidade* – emergentes da concepção de multiletramentos. Esse argumento permitiria supor que o atual momento de exceção demandaria um tipo de letramento que contemplasse, de forma pontual:

*diversidade e sincronicidade* de dispositivos e plataformas (*mediação*) que, a *distância*, permitissem *prontidão*, garantissem *acessibilidade* e *confiabilidade*, e possibilitassem a produção e compreensão de textos veiculados por múltiplas *linguagens (multimodalidade)*<sup>10</sup>.

10. O trecho em destaque corresponde à interpretação da autora, de acordo com a argumentação construída no artigo, até este ponto.

A articulação dos vetores comentados tende a contornar as exigências conceituais apontadas, mas estimula novas conjecturas direcionadas à transmídia e ao transletramento – conceitos que, oriundos da Comunicação e Publicidade, têm intrigado a área de Estudos da Linguagem e, principalmente, a da Linguística Aplicada.

Gosciola (2019) explicita que transmídia corresponde à forma atual para os termos *trans-medium* e *trans-media*, surgidos nas primeiras feiras culturais *hippies* nos Estados Unidos, no final da década de 1960 e populares por toda a década seguinte, englobando uma multiplicidade de expressões artísticas veiculadas em diversos suportes midiáticos. Para o autor (Gosciola, 2019, p.39), transmídia revela uma “reação ao unilateral, ao monomidiático, à hegemonia de uma plataforma em detrimento de outras”. Antes dele e abordando o mesmo conceito, Jenkins (2006) esclarece que transmídia é uma resposta à convergência, uma vez que contempla conteúdo diverso, mas relacionado, expandido em múltiplos canais de mídia, de tal forma que estabelece confluência de significado de um canal para outro.

Segundo Jenkins (2006), o conceito de convergência contempla transformações tecnológicas, mercadológicas, sociais e culturais. Refere-se à procura de informações e conexões inéditas em meio a conteúdos midiáticos dispersos, alterando as relações entre mídias, mercados, gêneros e públicos, e gerando fluxo contínuo que contempla múltiplas possibilidades de conexão. Partindo dessa perspectiva, Jenkins (2006, p.29) identifica a existência de uma cultura da convergência, situada no espaço virtual “onde as velhas e as novas mídias colidem, onde a mídia corporativa e a alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis.”

Refletindo sobre essa argumentação, pode-se afirmar que uma mirada transmídia permite ao produtor e ao consumidor de textos percorrerem, transversalmente, um fluxo de informações, ideias, vídeos, imagens, sons e linguagens concorrentes, explorando a convergência gerada entre as múltiplas mídias utilizadas para construir significados e conhecimentos. Esse percurso transversal permite que uma trilha não linear se descortine *entre* e *através* das mídias, ocupando espaços intermediários e indo *além* delas.

Nessa perspectiva, a habilidade de compreensão e produção não se concretiza por vínculo direto entre o usuário e cada uma das mídias, como nos multiletramentos. Uma vez que há convergência, uma rede de possibilidades se configura permitindo expansão e criando fluxos de leitura, produção e construção de saberes e sentidos. No entanto, para reconhecer e empreender esse percurso inédito de significação, uma habilidade original é requerida: o transletramento, compreendido por Freire (2020, p.16) como “um fenômeno singular que provoca um movimento não linear, não só entre, através e além de múltiplas plataformas de mídia, mas também entre, através e além de letramentos, originando um tipo único, distinto de qualquer outro já conhecido”. Partindo dessa compreensão, a autora (Freire, 2020, p.12) vislumbra um ecossistema transmídia, identificado por *convergência, expansão, conexão transversal, participação e múltiplas plataformas de mídia* que, então, se transformam em vetores originais e relevantes a serem considerados na procura de uma direção e suporte seguros para a (re-) definição dos processos de produção e compreensão textual.

Considerando os vetores acima e os aliando aos anteriormente descritos, é possível delinear um entendimento mais abrangente sobre as demandas deste momento policrísico, equacionando novas práticas e refletindo sobre habilidades de leitura e escrita viáveis também para o momento pós-pandêmico. A partir dessa argumentação, torna-se plausível propor e argumentar que uma modalidade de letramento, inclusiva e simultaneamente responsiva às especificidades do momento, envolveria:

*diversidade e sincronicidade* de dispositivos e plataformas (*mediatização*) que, a *distância* e por intermédio de *conexões transversais*, permitissem *prontidão, expansão e convergência* de conteúdo e sentidos; garantissem *acessibilidade, confiabilidade e participação*; e possibilitassem a produção e compreensão de textos veiculados por *múltiplas linguagens (multimodalidade)*, em *múltiplas plataformas de mídia*.

A concepção acima, não fechada tampouco conclusiva e, sob essa distinção, não especificamente denominada, objetiva contemplar vários ângulos envolvidos em eventos de produção e compreensão textual; contudo requer preparação e conscientização por parte dos envolvidos em processos educacionais (professores, pais, gestores e estudantes).

Como discutido, a migração ambiental foi abrupta e compulsória, colocando todos na mesma tempestade, porém não no mesmo barco. Por isso, após investigar e alcançar o que conceitualmente poderia ser considerado adequado, manifestam-se o *concreto* e o *possível*: sem esclarecimentos e estudos visando ao contexto digital, suas especificidades e potencial, bem como sem contar com uma formação direcionada ao uso consciente e apropriado desse espaço de construção de conhecimentos, torna-se pouco ajuizado pensar o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, e a continuidade e encadeamento do processo ensino-aprendizagem, tornando-os mais consistentes, efetivos e, em especial, motivadores.

Diante das restrições espaço-temporais do período pandêmico, cada um buscou o imediato: o possível de ser realizado, no âmbito de seus limites e limitações. Entretanto, falta de tempo e de expertise digital comportam justificativas temporárias. Os últimos 18 meses, policrísicos e pandêmicos, trouxeram e enfatizaram a ambivalência das crises: o *pior* – manifestado, sobretudo, pelo ceifar de inúmeras vidas, o desemprego, a interrupção de projetos e a suspensão de muitos sonhos –, e o *melhor* – principalmente caracterizado pela oportunidade de buscar, arriscar, ponderar, reestruturar, converter, recriar e aprender com as experiências vividas e vicárias. Descortina-se, agora, um período de ponderação de alternativas e estruturação de caminhos para além das brechas, pois ultrapassada a emergência, a exigência é o porvir, a nova ordem, a auto-eco-organização. A apropriação do território digital desloca-se da imposição à promessa, disponibilizando um leque de opções para o enfrentamento de imprevistos, de conjunturas crílicas ou policrísicas que possam, similarmente, sacudir e expulsar todos de suas zonas de conforto, impedindo que o *emergencial imediato* assuma o atributo categórico de *definitivo*.

#### 4. Para além da pandemia

As reflexões aqui compartilhadas visaram apresentar e discutir questionamentos não plenamente respondidos e circunstâncias não estritamente equacionadas ao longo de um extenso período de exceção que ainda se manifesta emergencial em muitos sentidos. Considerando o *concreto*, i.e., o observado e comentado, bem como o *possível*, i.e.,

o escrutinado e sugerido, a argumentação exposta tentou compreender uma situação única, investigar agenciamentos motivados pela desterritorialização e migração forçadas e, sobretudo, abordar tópicos relacionados à conexão entre linguagens e práticas sociais, da qual emerge o debate sobre letramento (modalidades/desdobramentos), para promover o desenvolvimento das habilidades de produção e compreensão textual, em um momento e contexto adversos.

*A barreira ecológica* (doméstica e escolar), identificada ao longo da pandemia, tem se mostrado intransponível, revelando que os entraves e dificuldades que contempla encontram-se sistemicamente interligados a muitas variáveis com as quais têm tecido uma *rede*, rígida e robusta, que não apenas interliga, mas que, como *teia*, sobretudo aprisiona. Nesse sentido, há urgência de se dedicar tempo e esforços para solucionar questões que, de imediato, parecem incontornáveis, como a pronta disponibilização de acesso à Internet e a dispositivos digitais em quantidade para garantir sua utilização equânime, permitindo a alunos e professores a sequência dos processos em andamento; adaptação de currículos e desenho de atividades, tarefas e materiais didáticos que explorem o ambiente digital como locus de ensino-aprendizagem; promoção de letramento adequado para transpor as barreiras e sequelas de uma migração ambiental forçada. Refletindo sobre tantos entraves, *emergencial* e *imediatos* se tornaram atributos do letramento inevitável que emergiu como única alternativa para que professores, pais, alunos e gestores tramitassem do concreto ao possível, inventando e se reinventando para impedir que o sistema entrasse em colapso.

Lançando mão de um movimento que levasse do retrospectivo ao prospectivo, a reflexão aqui exposta procurou escrutinar a situação vigente para entrever uma saída que se mostrasse coerente e exequível não apenas no momento, mas também e, em especial, no futuro. Situando e refletindo sobre questões relativas ao letramento, a argumentação exposta inspirou-se no movimento de autores que, como Morin (2020a) e Santos (2020), discorrem sobre o que apreender e como crescer com as crises vigentes. Nessa direção, tornou-se significativo delinear e sugerir uma proposta de letramento que, interligando uma multiplicidade de linguagens e dispositivos, destacando conexões transversais entre conteúdos, significados e mídias, e procurando garantir acessibilidade e confiabilidade, motivasse à participação em práticas sociais que não

apenas permitissem manipular, mas, sobretudo, expandir habilidades de compreensão e produção textuais.

A discussão apresentada partiu de ponderações sobre o concreto, vislumbrando saídas para transcender o momento pandêmico na organização de um novo que, partindo de experiências vividas e vicárias, pudesse abrir caminho para ensaios de futuro, para o qual nenhum vetor, se isolado, será suficiente e eficiente. Entre todas as lições aprendidas em uma crise sem precedentes, uma, já bem familiar, se destaca ainda mais contendente: não há como se preparar plenamente para o inesperado. Apesar disso, uma interpretação cuidadosa do presente e do possível, uma diligência na identificação e triagem de opções e, acima de tudo, ousadia na tessitura de articulações pode, indiscutivelmente, fornecer subsídios sólidos e nos fortalecer, em alguma medida e em vários sentidos, para quando circunstâncias imprevisíveis demandarem um confronto inevitável e um enfrentamento inadiável.

### *Conflito de interesses*

*A autora declara não ter qualquer conflito de interesse, em potencial, neste estudo e assume responsabilidade total pelo conteúdo do artigo.*

### **Referências**

- Cazden, C., Cope, B., Fairclough, N., Gee, J. et al. (1996). A pedagogy of multiliteracies: Designing social futures. *Harvard Educational Review*; 66, 1; Research Library, p. 60-92. <https://doi.org/10.17763/haer.66.1.17370n67v22j160u>
- Dewey, J. (1938/1979). *Experiência e educação*. Tradução de Anísio Teixeira. 3ª. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Freire, M. M. (2020). Transmedia storytelling: from convergence to transliteracy. *D.E.L.T.A.*, 36-3, 1-22. <http://dx.doi.org/10.1590/1678-460X2020360309>
- Freire, M. M., Sá, C. F. (2020). Design educacional complexo: uma proposta para o desenho de cursos complexos. In: V. J. Leffa *et al.* (orgs.). *Tecnologias e ensino de línguas* [recurso eletrônico]. 1ª. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

- Gosciola, V. (2019). Storyworld para o conceito de narrative transmedia. In: F. Irigaray, V. Gosciola, I. Piñero-Otero (orgs.) *Dimensões transmídia*. Aveiro: Ria Editorial.
- Hodges, C., Moore, S., Lockee, B., Trust, T., Bond, A. (2020). *The difference between emergency remote teaching and online learning*. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning> (Acesso em março, 2020).
- Jenkins, H. (2006). *Convergence culture: Where old and new media collide*. New York: New York University Press.
- \_\_\_\_\_. (2009). *What is learning in a participatory culture? (Part One)*. *Confessions of an Aca-Fan*, blog Henry Jenkins, May, 2009 s/p. Disponível em: [http://henryjenkins.org/blog/2009/05/what\\_is\\_learning\\_in\\_a\\_particip.html](http://henryjenkins.org/blog/2009/05/what_is_learning_in_a_particip.html) (Acesso em abril, 2021).
- Lave, J., Wenger, E. (1991). *Situated learning: Legitimate peripheral participation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Morin, E. (2005). *Introdução ao pensamento complexo*. Trad. Eliane Lisboa. Porto Alegre: Editora Sulina.
- \_\_\_\_\_. (2008). *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil.
- \_\_\_\_\_. (2019). *Fraternidade: para resistir à crueldade do mundo*. Tradução de Edgar de Assis Carvalho. São Paulo: Palas Athena.
- \_\_\_\_\_. (2020a). *É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti; colaboração de Sabah Abouessalam. [Recurso digital. Edição Kindle]. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- \_\_\_\_\_. (2020b). *As possibilidades da crise*. Fronteiras do Pensamento. Vídeo. Disponível em: [www.fronteiras.com/videos/as-possibilidades-da-crise](http://www.fronteiras.com/videos/as-possibilidades-da-crise) (Acesso em abril, 2020).
- Morin, E., Kern, A. B. (2011). *Terra-Pátria*. Trad. Paulo Neves da Silva. 6ª. ed. Porto Alegre: Sulina.
- Rojo, R. (2021). *Pedagogia dos multiletramentos*. Live do PPGEduc. Realização UNEB. Disponível em: <https://youtu.be/ryJM5kMwzCA> (Acesso em setembro, 2021).
- Santos, B. S. (2020). *A cruel pedagogia do vírus*. [Recurso digital. Edição Kindle]. São Paulo: Boitempo.
- Soares, M. (2009). *Letramento: um tema em três gêneros*. 3ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Recebido em: 26/10/21

Aprovado em: 03/11/21